

JUVENTUDE, POLÍTICA E EDUCAÇÃO: OS DISCURSOS DE RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM *MERLÍ*

Fernanda Elouise BUDAG (FAPCOM, USJT, ESPM)¹

Nara Lya Cabral SCABIN (USP, UAM)²

Resumo: A presente proposta visa analisar os discursos de reconhecimento de gênero e sexualidade enunciados na série ficcional *Merlí*. Esta, objeto empírico de nosso estudo, por sua vez, é uma produção catalã, estreada na Espanha em 2015 e disponível no Brasil desde 2016 via plataforma de *streaming* Netflix. Interessa-nos examinar esse *corpus* – as três temporadas da série – a partir de conceitos de análise de discurso (CHARAUDEAU, 2010; MAINGUENEAU, 2008), partindo da hipótese de que esse produto audiovisual reflete aspectos de uma subjetividade política emergente na contemporaneidade – o “novo imaginário político” de que fala Nancy Fraser (2006).

Palavras-chave: Discurso; Gênero; Sexualidade; Subjetividade; Reconhecimento.

Abstract: The present proposal aims to analyze the discourses of recognition of gender and sexuality enunciated in the fictional series *Merlí*. This empirical object of our study, in turn, is a Catalan production, premiered in Spain in 2015 and available in Brazil since 2016 via Netflix streaming platform. We are interested in examining this corpus – the three seasons of the series – from the concepts of discourse analysis (CHARAUDEAU, 2010; MAINGUENEAU, 2008), based on the hypothesis that this audiovisual product reflects aspects of an emerging political subjectivity in contemporary times – the called “new political imaginary” by Nancy Fraser (2006).

Keywords: Discourse; Gender; Sexuality; Subjectivity; Recognition.

INTRODUÇÃO

Merlí Bergeron (Francesc Orella) é um professor de filosofia desempregado que, após ser despejado de seu apartamento, vê-se obrigado a ir morar com sua mãe, Carmina Caldach (Anna M. Barbany), uma famosa atriz reconhecida por seus trabalhos em tevê, cinema e, principalmente, teatro. É assim que tem início a trama de *Merlí*, série televisiva espanhola produzida em catalão pelo canal TV3 em três temporadas, lançadas entre 2015 e 2018.

¹ Pós-doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Pesquisadora e professora da FAPCOM e USJT. Integrante dos Grupos de Pesquisa do CNPq MidiAto (ECA/USP) e Juvenália (ESPM-SP). fernanda.budag@gmail.com.

² Doutoranda e Mestra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora e pesquisadora da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Integrante dos Grupos de Pesquisa MidiAto e Obcom (ECA/USP) e editora executiva da Revista Anagrama (USP). naralyacabral@yahoo.com.br.

Ainda no primeiro episódio da série, Merlí vê-se diante de outros desafios: ele precisará cuidar do filho, o adolescente Bruno (David Solans), que vivia sob os cuidados da mãe, a ex-esposa de Merlí então de mudança para Roma. Ao mesmo tempo, Merlí passa a dar aulas na escola Àngel Guimerà. Pai e filho vivem dificuldades em seu relacionamento – marcado por grande distanciamento e desentendimentos constantes, já que Bruno acusa Merlí de tê-lo abandonado –, as quais se intensificam quando o jovem, que cursa o primeiro ano do Ensino Médio no Guimerà, descobre quem será seu novo professor de Filosofia.

Para Merlí, a nova fase profissional é vista não apenas como uma chance de se restabelecer economicamente, como também – e sobretudo – como a possibilidade de fazer o que mais ama na vida: lecionar. Âmbito de sua vida que parece forjar grande parte de sua identidade e subjetividade, face que estava adormecida com a falta de oportunidades e consequente necessidade de aceitar subempregos. Ele considera ser bom no que faz e, assim que chega ao novo trabalho, transforma o ambiente da escola com seus métodos de ensino pouco ortodoxos. Em sua primeira aula, por exemplo, leva os alunos para a cozinha do colégio, onde lhes ensina sobre os “peripatéticos” – ou os que “passeiam” –, discípulos de Aristóteles que ouviam lições ao ar livre. Não demoram a surgir atritos com outros docentes, como o amargurado Eugeni Bosc (Pere Ponce), professor de língua e literatura catalãs e que ocupa também o cargo de chefe de estudos.

Esse traço de Merlí – que se recusa a seguir modelos tradicionais de ensino, exigências burocráticas e protocolos disciplinares – é frequentemente destacado em matérias jornalísticas e comentários de críticos de televisão que se debruçam sobre a série. São recorrentes, nesse sentido, as análises que apontam o potencial da série de aproximar a Filosofia dos jovens e do público em geral. Inácio Araújo, crítico da *Folha de S. Paulo*, afirma que:

Para povos como o brasileiro, que sofrem com reformas de ensino cada vez mais restritivas, [Merlí] consegue explicar para que servem, afinal, disciplinas como latim, filosofia, história... Enfim, essas que sempre suscitam a pergunta “para que serve”, que tanto entusiasmo o coração utilitário dos adolescentes: o que não serve para nada pode ser o mais precioso, no final das contas. (ARAÚJO, 25/02/2018, *online*).

Luiz Zanin Oricchio, em análise publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, defende perspectiva semelhante sobre a série, destacando o caráter contestador de Merlí e sua proposta de aproximar a Filosofia da vida cotidiana dos estudantes:

Trata-se de um subversivo, no melhor sentido do termo, porque concebe o ensino da sua disciplina não como uma série infundável e chata de conceitos e decorebas, mas como fascinante descoberta de um mundo do pensamento. *Merlí* se propõe como tarefa didática nada menos que seus alunos aprendam a pensar por si mesmos [...]

O sentido maior da série, no entanto, é a aplicação da filosofia na prática da vida. Mostrar que esse “saber inútil” pode ser de fato um conhecimento dos mais úteis. Daí suas aulas às vezes se parecerem mais a psicodramas para adolescentes inteligentes do que a um ensino do saber filosófico. (ORICCHIO, 13/02/2018, *online*).

Outro aspecto destacado de modo recorrente nas críticas sobre *Merlí* é seu caráter crítico frente aos métodos de ensino tradicionais – ou mesmo à lógica, no geral, padronizada do sistema educacional, particularmente no segundo episódio da terceira temporada, quando discute a visão de sucesso econômico de Adam Smith – e ao pouco espaço e baixo prestígio reservado à Filosofia na sala de aula. Inácio Araújo, da *Folha*, escreve:

Merlí é um sujeito controverso, arruma encrencas e desafetos com facilidade; por isso, vive desempregado. Já no começo do primeiro ano conquista alunos com sua pedagogia pouco ortodoxa. Consegue o que seus colegas não conseguem, isto é, que os alunos não vejam o estudo como uma tortura. Eis enunciado o primeiro ponto da série: a crítica à pedagogia autoritária. (ARAÚJO, 19/01/2018, *online*).

Destaca-se ainda, na recepção crítica da série, o fato de ela evidenciar o papel dos afetos no ambiente escolar e para a aprendizagem (GOIS, 18/06, 2018, *online*) e apresentar problemas e angústias do universo adolescente, como dificuldades no relacionamento entre pais e filhos, amores não-correspondidos e o medo de se assumir homossexual, por exemplo. Em entrevista ao portal G1, o criador da série, Héctor Lozano, afirma que buscou representar os adolescentes de maneira distinta daquela que, segundo ele, prevalece nos produtos midiáticos, buscando mostrar a articulação entre os problemas do cotidiano e questões filosóficas: “‘Eu estava farto de séries que apresentam jovens como pessoas infantis, que só querem sexo e festa. Eles são muito mais que isso e é o que *Merlí* mostra’, diz Lozano. ‘Usar a filosofia para retratar os conflitos adolescentes me permite falar de qualquer tema, porque ela está em tudo’” (TENENTE, 03/05/2018, *online*).

Após ter sua primeira temporada dublada em espanhol e transmitida pela rede de televisão La Sexta entre abril e junho de 2016 na Espanha, a série teve seus direitos comprados em novembro daquele ano pela empresa de *streaming* Netflix e foi disponibilizada para os Estados Unidos e a América Latina. A primeira temporada, com treze episódios, estreou no Brasil em 1º de dezembro de 2016, enquanto a segunda, também composta por treze capítulos, e a terceira, com quatorze, foram disponibilizadas

no país em 25 de dezembro de 2017 e 15 de fevereiro de 2018, respectivamente. Mas foi apenas em 2018 que Merlí alcançou maior popularidade entre o público brasileiro.

Nesse mesmo ano, a produção teve sua notoriedade alavancada no país após chamar a atenção de Renato Janine Ribeiro, professor de Filosofia Política da Universidade de São Paulo e ex-ministro da Educação, que criou um grupo no Facebook para discutir as contribuições da série para a educação³, além de ministrar cursos e publicar análises e conceder entrevistas a veículos midiáticos sobre o tema. Para Ribeiro, a série contribui para se pensar como um curso de Ensino Médio pode ser “criativo, envolvente e empolgante” e para mostrar que o “bom conhecimento”, longe de ser utilitário, deve ser “útil” para a vida:

O ponto básico é que Merlí está procurando ligar a filosofia e a vida. Não é por acaso que ele aparece, mais ou menos, no início da série levando um retrato de Nietzsche para o seu gabinete na escola. Nietzsche foi um filósofo que se interessou muito pela relação entre a filosofia e a vida. Nesse sentido, é muito diferente inspirar-se em Nietzsche e, por exemplo, dar um curso de filosofia sobre a história do conhecimento filosófico, mas de forma desconectada da vida dos jovens [...]

Eu penso que quem trabalha com jovens, com filosofia e com ensino médio em geral deveria acompanhar essa série. Deveria pensar o que nós podemos mudar nesta etapa para que ela fique mais perto da vida dos jovens. Hoje, o problema grande do ensino médio é esse: ele está muito afastado da vida. Na verdade, esse é o grande problema da educação. (RIBEIRO, 09/03/2018, *online*).

Neste artigo, propomos abordar narrativamente, em um primeiro momento, e discursivamente, em um segundo momento, as três temporadas da série *Merlí*. Para isso, elegemos, como foco privilegiado de atenção, quando da análise da estruturação narrativa da série, episódios decisivos à construção do enredo, como os capítulos iniciais e finais de cada temporada – mas também a trama em toda a sua extensão –; quando da análise de aspectos discursivos da produção, concentramo-nos na descrição das representações construídas e na exploração de temas centrais à obra, a partir dos quais podemos identificar *discursos circulantes* (CHARAUDEAU, 2010) que a atravessam.

³ Intitulado *Merlí e a filosofia no Ensino Médio*, o grupo pode ser acessado pelo link: https://www.facebook.com/Merl%C3%AD-e-a-filosofia-no-ensino-m%C3%A9dio-148701185851349/?hc_ref=ARS1UbJ4lOY9ebvW54Sd-4kq6rA1DbuU9d6VZEiVaQX2Fbj6nR7DnlLdNVwrIcEw-JE&fref=nf

Conforme Mayra Rodrigues Gomes⁴ aponta, entendemos que a análise narrativa, mais do que se limitar ao apontamento de aspectos formais de uma obra, oferece importantes subsídios a uma abordagem discursiva. Isso porque, por meio da identificação dos aspectos constitutivos do herói – atrelados à busca de identificação com o público –, dos desafios que se lhe apresentam e da ambientação da trama, torna-se possível apreender aspectos relacionados ao contexto de emergência da história, os quais, se considerados ao lado de dados sobre a circulação da obra, sua recepção e aspectos contextuais, possibilitam recuperar marcas dos discursos que atuam como fatores de mediação na construção de uma narrativa.

Nossa hipótese principal, neste trabalho, é a de que a série é marcada por um diálogo constante com aspectos da discursividade contemporânea ligados à constituição de uma subjetividade política emergente – um “novo imaginário político”, nas palavras de Nancy Fraser (2006) –, cuja presença torna-se central no debate público atual. Tendo em vista o viés discursivo da problemática que buscamos discutir, filiamo-nos, metodologicamente, a autores que se dedicam à análise de discurso, em algumas de suas vertentes mais utilizadas no campo da Comunicação (CHARAUDEAU, 2010; MAINGUENEAU, 2005). Como forma de discutir essa questão, elegemos, como foco de nossa atenção, os discursos de reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade enunciados na produção *Merlí*. Antes, porém, refletimos sobre essas mesmas questões, mas, assumindo o ponto de vista dos estudos da narrativa, desejamos fazê-las aflorarem primeiro trabalhando a figura do protagonista Merlí.

O PROFESSOR E A LUTA PELA AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE

Como forma de primeiro engatinharmos aos poucos na temática da diversidade de gênero e sexualidade trabalhada em *Merlí*, para no próximo tópico enfrentarmos efetivamente a abordagem do discurso de reconhecimento de gênero e sexualidade presente na série – que é o que de fato nos interessa –, iniciamos nossa jornada da perspectiva da narrativa. Ou seja, começamos com um olhar sobre os elementos

⁴ GOMES, Mayra Rodrigues. Os chamados e as aventuras em nossos tempos. Ou das personagens que privilegiamos. In: III SIMPÓSIO LINGUAGEM E PRÁTICAS MUDIÁTICAS: MUDIÁ10 ANOS – CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES E MUDIÇÕES, 2019, São Paulo. *E-book*... São Paulo: ECA/USP, 2019 [no prelo].

fundamentais de uma narrativa, que seriam a caracterização dos personagens, o arco narrativo, o tempo e o espaço, por exemplo. Em nosso caso, optamos por nos focar apenas no entendimento da construção narrativa dos episódios da série (suas partes) e na compreensão de um desses elementos fundamentais, que é o protagonista, Merlí. Este, inclusive, por dar nome à série, de antemão evidencia sua relevância na trama e justifica nossa escolha. Mais ainda: concentramos nossa atenção nesses aspectos por entendermos que, contextualizando-os, antecipamos e revelamos *também* sobre os discursos de gênero e sexualidade nos quais nos aprofundamos na sequência, por ser Merlí o porta-voz dessas várias vozes e porque, como apresentamos a seguir, defendemos que *constitui efetivamente* a dimensão dessa ficção.

Em termos de como se dá a construção de sua narrativa, sublinhamos que cada episódio da série é fundamentado nas ideias de algum pensador ou alguma escola filosófica em particular, que funcionam como fios condutores para os eventos na trama. Por exemplo, no episódio sobre Maquiavel (terceiro episódio da primeira temporada), Merlí inicia sua explanação em sala de aula questionando “*Como os ricos e poderosos chegam onde estão? São mais espertos? Mais bonitos?*” e complementa defendendo “*Não. Nada disso. Maquiavel diria, simplesmente, que são mais diabólicos. Se quiser ter sucesso na vida, pise nos outros. Você terá êxito de uma forma pouco honrosa, mas isso não é problema, desde que chegue aonde quer*”. Após essa exposição do professor sobre o filósofo, presenciamos na prática, entre os personagens, ações que poderíamos chamar de “maquiavélicas” sendo planejadas e operadas: enquanto a mãe de Merlí, Carmina Calduch, dá a ideia de provocar um acidente com o professor Eugeni para que Bruno seja aprovado na disciplina, o aluno Gerard faz uma pergunta inteligente em classe para chamar a atenção de Mónica, menina de quem estava interessado.

Nesse sentido, o ponto central da narrativa é que, em sua diegese, ao mesmo tempo em que Merlí ensina sobre o conteúdo previsto no plano de ensino da disciplina (ainda que não o siga da maneira tradicional), ensina também sobre/para a vida, levando os alunos-personagens a refletirem sobre seus pensamentos e atitudes individuais e em sociedade; e para além da diegese, parece esperado que esses ensinamentos reflitam extra-diegese, entre os espectadores, alargando o alcance da filosofia, usualmente fechada entre os muros acadêmicos. No sétimo episódio da segunda temporada, que trata sobre Judith Butler, uma das maiores teóricas feministas do movimento gay e uma

das precursoras na defesa do argumento de gênero (homem e mulher) enquanto construção social, os alunos Oliver e Bruno, além de serem interpelados pelos temas de identidade de gênero, orientação sexual e papéis sociais em sala de aula, discutem o assunto entre si, extraclasse. Enquanto isso, a audiência é convidada a pensar a respeito desse assunto que está em diálogo com o espírito do tempo contemporâneo, que a série coloca em pauta.

Com efeito, entendemos que, em *Merlí*, gênero e sexualidade são categorias fundamentais à sua própria *diegese narrativa*, visto que muitos dos conflitos da trama – como já brevemente apresentado e explorado mais à frente também – dizem respeito à tematização, em diversos momentos, da diversidade de gênero e sexualidade, em situações em que são apresentados e problematizados casos de preconceito e discriminação.

Ainda em relação a esse aspecto, destaca-se a construção do protagonista da trama. Merlí tem uma grande função na narrativa, sempre animando a ação e figurando como um herói com imperfeições, numa espécie de combinação entre Herói e Anti-herói. Não obstante costume agir de modo autocentrado (preocupações egocêntricas, ainda que também com propósitos de ensino), ele revela-se particularmente preocupado com a coletividade e alteridade, e, portanto, empático quanto à dor alheia sempre que se depara com manifestações de machismo, homofobia e transfobia.

DA DIFERENÇA À AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE

Neste trabalho, tomamos o conceito de *representação* em uma perspectiva *discursiva*. Tributária das teorias da linguagem do início do século XX que influenciaram decisivamente a chamada “virada linguística” – especialmente da perspectiva de Ferdinand de Saussure –, ao mesmo tempo em que opera deslocamentos fundamentais em relação a essas mesmas teorias, as considerações de Michel Foucault a propósito do discurso abriram novas frentes para a compreensão dos problemas de representação (HALL, 2016, p. 78).

Foucault trata da produção do conhecimento e do sentido pelo discurso e de fato analisa textos e representações particulares, como os semióticos fizeram. Entretanto, ele tem maior inclinação a analisar toda a *formação discursiva* à qual o texto ou a prática pertence. Sua preocupação gira em torno do conhecimento provido pelas ciências

humanas e sociais, que organiza a conduta, o entendimento, a prática e a crença, a regulação dos corpos, assim como as populações inteiras. (HALL, 2016, p. 92).

É em sentido foucaultiano, portanto, com vistas às implicações do discurso em termos de conhecimento e poder, que propomos compreender as representações construídas na série *Merli*. Não obstante, a fim de melhor operacionalizar as considerações de Foucault, baseamo-nos na conceituação de *formação discursiva* proposta por Dominique Maingueneau (2008) e no conceito de *discurso circulante* conforme Patrick Charaudeau (2010), autores cujos trabalhos, apesar de suas nuances particulares, dialogam com o pensamento de Foucault⁵.

Interessa-nos ainda, cabe salientar, a perspectiva dos Estudos Culturais, que enfatizam o poder das representações de fundar identidades individuais e coletivas. Isso porque as representações, em sua manifestação discursiva, oferecem as posições-de-sujeito possíveis, de modo que a formação de uma identidade individual define-se sempre por representações coletivas, socialmente construídas e partilhadas (GOMES, 2008). Trata-se de uma concepção fundamental à análise das representações presentes em produtos midiáticos, como o que focalizamos neste trabalho.

O discurso também produz um *lugar para o sujeito* (ou seja, o leitor ou espectador, que também está “sujeito” ao discurso), onde seus significados e entendimentos específicos fazem sentido. Não é inevitável, nesse sentido, que todos os indivíduos em um dado período se tornem sujeitos de um discurso em especial, portadores de seu poder/conhecimento. Mas para que eles – nós – assim façam/façamos, é preciso se/nos colocar na *posição* da qual o discurso faz mais sentido, virando então seus “sujeitos” ao “sujeitar” nós mesmos aos seus significados, poder e regulação. Todos os discursos, assim, constroem posições de sujeito, das quais, sozinhos, eles fazem sentido (HALL, 2016, p. 100, grifos do autor).

É nesse sentido que propomos, neste trabalho, refletir sobre as representações de gênero e sexualidade presentes na série *Merli*, considerando que a elas estão relacionados a apresentação e o tensionamento de lugares possíveis para o sujeito no

⁵ Para Maingueneau, a formação discursiva corresponde a um “sistema de restrições de boa formação semântica” e opõe-se à superfície discursiva, que diz respeito ao “conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema”, isto é, o sistema de restrições da formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008, p. 20). Análogo à ideia de *superfície discursiva* em Maingueneau (2008), destacamos aqui o conceito de *discurso circulante* em Charaudeau por seu didatismo e potencial de ser operacionalizado de maneira simples ao longo das análises, já que faz referência a uma materialidade específica e mais facilmente identificável na corporalidade de um *corpus* específico. Segundo o autor, “o discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2010, p. 118).

mundo contemporâneo. Para isso, entendemos ser imprescindível a identificação dos discursos que tornam possível a emergência do produto em foco. Em especial, esperamos demonstrar a hipótese de que as representações construídas na série refletem a emergência de um “novo imaginário político”, nas palavras de Fraser (2006), o qual se traduz no deslocamento de um imaginário de *redistribuição* para um imaginário de *reconhecimento* nas lutas por justiça social. Nessa discursividade emergente, categorias identitárias, como *gênero* e *sexualidade*, tornam-se centrais à mobilização política.

Esse nível de conexão com discursos circulantes, a que podemos nos referir como *tematização* da diversidade, da discriminação e dos desafios envolvendo questões de gênero e sexualidade, constitui um aspecto mais evidente do que entendemos como sugestivo da filiação da série a um imaginário de *reconhecimento*. Em sentido mais profundo, essa filiação traduz-se também na *afirmação*⁶ de representações de minorias sexuais e de gênero – por representá-las, em um primeiro momento, conferindo-lhes *visibilidade*, mas também pelo modo de representá-las, em um segundo momento, conferindo-lhes uma *visibilidade específica*. É possível compreender como essas representações se apresentam discursivamente a partir de alguns personagens da série.

Um primeiro dado a se considerar é a presença de jovens homossexuais na escola em que Merlí leciona, os quais desempenham papel central na trama. Essa visibilidade fica evidente, por exemplo, nos casos de Bruno, filho do protagonista da série, e de Oliver (Iñaki Mur), que chega à escola no 11º episódio da série e cuja aceitação explícita da própria homossexualidade causa estranhamento, em um primeiro momento, entre os colegas de classe – inclusive Bruno. Também na primeira temporada, conhecemos o complexo Pol (Carlos Cuevas), garoto popular, inicialmente apresentado como heterossexual e “mulherengo”, mas cuja relação com a própria sexualidade mostra-se “conturbada” já nos primeiros capítulos. Outro dado relevante é a concessão de visibilidade à questão da transgeneridade por meio da personagem Quima

⁶ Propostas *afirmativas* e *transformativas*, dentro do discurso político de reconhecimento e no âmbito do multiculturalismo, buscam compensar a discriminação e o desrespeito por meio da valorização das identidades discriminadas (propostas afirmativas) ou desconstruir oposições binárias e subverter a estrutura cultural-valorativa que se encontra na base da discriminação (propostas transformativas) (FRASER, 2006).

(Manel Barceló), professora trans que chega ao Àngel Guimerà como substituta de inglês no sétimo episódio da segunda temporada⁷.

A série coloca em cena, dessa forma, a questão da representação da *diferença*, que comparece nos Estudos Culturais de maneira significativa, sobretudo no que diz respeito ao foco privilegiado conferido pelos trabalhos à questão da alteridade (GOMES, 2008). Segundo Hall (2016), há hoje práticas representacionais típicas na cultura popular, inclusive a construção de estereótipos, para representar a alteridade, ao mesmo tempo necessária e perigosa. O autor nos lembra de que, embora não consigamos operar sem a construção de oposições binárias, estas tornam-se reducionistas e simplificadoras, “engolindo todas as distinções” (HALL, 2016, p. 154). Além disso, existem poucas oposições binárias neutras, pois há sempre um polo dominante – “aquele que inclui o outro dentro de seu campo de operações” – ou seja, o “Mesmo”, ao que se contrapõe o “Outro”.

Quando focalizamos a representação de minorias de gênero e sexuais, estamos falando sobre a representação de identidades normalmente apresentadas, na cultura popular, como ocupando o lugar do “Outro”. Nesse sentido, para além do fato de a série *Merlí* conceder visibilidade a minorias sexuais e de gênero, interessa-nos também compreender o *modo* como essas representações são construídas. Como apontamos acima, pretendemos discutir a hipótese de que o caráter *afirmativo* das representações construídas na série reside justamente nas estratégias de representação adotadas. Para isso, dada a extensão limitada deste artigo, focalizaremos, a título de exemplificação, as estratégias de construção de alguns dos principais personagens da série.

Vejamos, por exemplo, o caso de Bruno: durante parte da primeira temporada, seus dramas pessoais vivenciados são, em grande medida, as angústias decorrentes do medo de assumir-se publicamente como homossexual e revelar seus afetos em relação a Pol. Em um primeiro momento, portanto, a representação da homossexualidade que vemos no caso de Bruno parece reduzir-se ao princípio da *diferença* e reforçar a condição de “outridade” da homossexualidade em uma sociedade cujos discursos

⁷ Apesar da evidente busca por parte dos criadores da série de dar visibilidade à diversidade de gênero e sexualidade, vale ressaltar que diversas minorias ficaram de fora da trama, como lésbicas e homens trans, por exemplo. Apenas em um episódio, em uma brincadeira na ocasião de uma festa do pijama entre meninas, duas alunas (Berta e Oksana) se beijam e, posteriormente, Berta fala sobre o acontecido de uma forma natural, defendendo que isso não quer dizer que ela seja lésbica. Ou seja, defendendo a não rotulação.

hegemônicos valorizam a heterossexualidade como forma padrão de orientação sexual. Ainda na primeira temporada, porém, essa lógica parece ser gradualmente tensionada e assistimos a uma complexificação da personalidade de Bruno, que não demora a assumir sua homossexualidade para outras pessoas: já no segundo capítulo, ele se abre com a melhor amiga, Tània (Elisabet Casanovas); no quarto capítulo, Pol começa a suspeitar da sexualidade de Bruno, embora este negue as suspeitas do amigo; no nono episódio, Bruno e Pol relacionam-se intimamente em uma festa na casa de Mônica (Júlia Creus).

Assim, vemos uma representação da homossexualidade que, embora passe pelo conflituoso processo de “sair do armário” – ao qual se reduz boa parte das representações midiáticas estereotipadas de homossexuais –, não se limita a ele. Isso porque o personagem, ao longo da série, passa a ter sua orientação sexual conhecida pelas pessoas à sua volta sem que isso seja um fator de estranhamento ou um problema para ele, seus familiares e colegas. Em outros termos, sua “essência”, enquanto personagem, não se resume à homossexualidade, à marcação de uma *diferença*; o fato de ser homossexual torna-se apenas mais um dado de sua personalidade. É interessante observar que mesmo os traços “negativos” de Bruno – marcas de veleidade e narcisismo – não têm qualquer relação com sua orientação sexual.

O personagem Oliver evidencia uma estratégia de representação da homossexualidade diversa, mas igualmente interessante. Isso porque ele encarna muitos elementos do estereótipo do homossexual “afeminado”, sendo inclusive inicialmente rejeitado pelos colegas por seu jeito “espalhafatoso”. Apesar do caráter corrente desse modo de representação em produções midiáticas e do caráter simplificador de todo estereótipo (HALL, 2016), há certa ambiguidade mobilizada pela série em relação a essa representação, já que, na própria trama, problematiza-se a reação de discriminação ou estranhamento frente ao que é apresentado como mais um modo de vivenciar, subjetivamente, a homossexualidade.

Desse modo, a série mobiliza um estereótipo negativo associado na cultura popular aos homossexuais para, em seguida, questionar sua negatividade e associá-lo a um valor positivo. Essa estratégia pode ser associada ao que Hall (2016, p. 2019) identifica como forma de contestação “através do olhar da representação”, atuante dentro das complexidades e ambivalências da representação. Trata-se de uma estratégia

que aceita o caráter sempre inacabado das representações e engaja-se em uma luta *pela* representação, voltando-se mais às *formas* de representação do que ao seu conteúdo, tomando os estereótipos de modo a fazê-los operarem contra si próprios.

O caso de Pol também merece ser examinado. Ao longo da série, ele estabelece relacionamentos com homens e mulheres e, na terceira temporada, deixa de esconder publicamente a fluidez de sua sexualidade. Embora possamos, por essa razão, considerá-lo bissexual, esse e quaisquer outros rótulos classificatórios não são assumidos *pelo* ou *para* o personagem. Não à toa, Pol desempenha, na narrativa, o papel de pupilo de Merlí e herdeiro de sua verve socrática de questionar normas, poderes e instituições. Este talvez seja o dado mais relevante da representação acionada na construção do personagem: a superação do binarismo *heterossexual/homossexual* e, portanto, a recusa à marcação da *diferença*⁸.

Um último exemplo a ser destacado é o da professora trans Quima. Ao entrar em sala de aula pela primeira vez no Guimerà, visivelmente constrangida – Merlí havia “preparado” indiretamente os alunos para receberem a professora, apresentando à classe a teoria queer de Judith Butler⁹ –, ela afirma: “Não sei o que Merlí falou, mas não era preciso. Meu nome é Quima. E ponto”. Um pouco adiante, finaliza: “Para mim, é importante não ser invisível”. Como vemos, a postura de Merlí ao colocar-se como mediador entre Quima e os alunos, é incômoda para ela por demarcar uma *diferença*, como fica evidente no diálogo: “Escuta, filósofo... Você gosta de mim só porque sou diferente [...] Chega e diz: ‘Quima, prazer. Você é o ornitorrinco dessa Arca de Noé’”, diz Quima a Merlí. Como se vê, diferentes camadas discursivas colocam-se em torno da questão da transgeneridade na série. Se, por um lado, a chegada de Quima representa o contato com o *diferente*, a própria personagem, embora reivindique ser aceita, em um

⁸ No último capítulo da série, que projeta a vida dos personagens principais anos após o colégio, encontramos Pol vivendo uma união estável ao lado de Bruno. Ainda assim, seu caráter questionador e aberto a mudanças remete a algo de fluido e inacabado em sua identidade, fazendo-nos indagar se, de fato, aquele será seu arranjo amoroso e familiar definitivo.

⁹ Falas de Merlí sobre Butler no 7º episódio da 2ª temporada: “Judith Butler é uma das maiores teóricas feministas do movimento gay”. “Butler diz que o gênero não é algo natural, que não somos obrigados a nos identificar como homens ou mulheres. Não é necessário que nossa identidade se encaixe nessas categorias, ou que defina a nossa orientação sexual no regime de ‘hetero ou homo’.” “Ela defende o respeito, mas acredita que não temos que padronizar o fato de que uma pessoa que nasceu homem se identifique ou se sinta uma mulher. As categorias como homem, mulher, gay, lésbica, e transexual são rótulos carregados de preconceito, que precisam ser repensados”.

gesto que busca tornar *visível* a diversidade, recusa ter sua subjetividade limitada à condição do “Outro”¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar que as representações presentes em *Merli* apontam para a aceitação e valorização da diversidade sexual e de gênero. É possível verificar, como buscamos mostrar, que a filiação a um ideário de reconhecimento se dá, em um primeiro momento, por meio de recursos de *tematização* da diversidade de gênero e sexualidade como grande articuladora da narrativa e da construção identitária do protagonista. Em um segundo momento, é possível observar a presença de discursos de reconhecimento na série por meio da *afirmação* de representações da diversidade conforme estratégias que procuramos ilustrar sucintamente neste trabalho. De modo geral, essas estratégias parecem contestar regimes de representação baseados na demarcação da *diferença* como forma de apresentação das identidades.

Uma dessas estratégias corresponde à problematização de estereótipos comumente utilizados em produtos midiáticos para representar minorias sexuais, sobretudo, homossexuais. É o que acontece, como vimos, no caso de Bruno. Outra estratégia é a rejeição à demarcação da *diferença* como forma de limitação da identidade dos personagens. Isso fica evidente, por exemplo, no discurso de Quima e no modo como se apresenta o personagem Pol. Verificamos, ainda, quando abordamos o caso de Oliver, cuja construção na série parece ilustrar uma estratégia de tomada do estereótipo para subvertê-lo “por dentro”.

É possível, dessa forma, traçar um paralelo entre a discussão estabelecida por Hall (2016) a respeito de estratégias emergentes de contestação de um regime racializado de representação e aquelas verificadas no objeto aqui analisado, não obstante as particularidades de cada discussão. Em todos os casos analisados, porém, parece residir como pano de fundo a estratégia que Hall (2016) aponta como a substituição de imagens *negativas* por imagens *positivas*, expandindo a gama de representações de

¹⁰ Ainda no mesmo episódio, os alunos, ao saberem que Coralina queria afastar Quima do colégio, organizam uma manifestação, com a ajuda de Merli, em que os meninos vestem-se de meninas e vice-versa. Um dos únicos da classe a se mostrar momentaneamente resistente à ideia é Bruno – que, no mesmo episódio, já havia discutido com Oliver sobre a necessidade de organizar-se coletivamente pelos direitos de minorias sexuais –, uma sutileza que evidencia a complexidade das identificações.

grupos historicamente representados de maneira depreciativa na cultura popular, tendo como base um princípio de aceitação e celebração da diferença – entendida já não mais como *diferença*, em sua acepção binária, mas como *diversidade*.

Ao lado disso, em sintonia com um imaginário de reconhecimento, é possível observar na série a existência de uma dialética da representação da diversidade de gênero e sexualidade, segundo a qual se constitui um movimento em que identidades associadas, inicialmente, ao *diferente* – vide casos dos personagens Quima, Oliver e Bruno, por exemplo – superam, com o desenrolar dos conflitos na trama, lógicas binárias de apresentação das identidades. Em outros termos, a representação de minorias sexuais e de gênero em *Merlí* parece constituir-se segundo o movimento *diferença* → *diversidade* ou *alteridade* → *diversas identidades*.

Por tudo isso, a partir da análise que propusemos em dois tempos, devemos ressaltar a possibilidade de se refletir sobre outras contribuições da produção para a educação para além daquelas apontadas em críticas jornalísticas e acadêmicas que se debruçaram sobre a obra. Acreditamos, assim, que a série *Merlí* revela-se preñe de potencialidades educacionais, já que pode ser utilizada como ferramenta em sala de aula para o debate de temáticas relacionadas a gênero e sexualidade e, extrapolando análises centradas no conteúdo da obra, pode ser adotada como ponto de partida a discussões mais amplas sobre a opacidade dos discursos em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inácio. 19 jan. 2018. **Protagonista de 'Merlí' utiliza filosofia como 'pau pra toda obra'**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/01/1951575-protagonista-de-merli-utiliza-filosofia-como-pau-para-toda-obra.shtml>>. Acesso em: 23 out. 2018.

ARAÚJO, Inácio. 25 fev. 2018. **'Merlí' mantém inventividade até o fim**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/merli-mantem-inventividade-ate-o-fim.shtml>>. Acesso em: 23 out. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FRASER, Nancy. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista”. Trad. Julio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, pp. 231-239, 2006. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50109/54229>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GOIS, Antônio. 18 jun. 2018. **Merlí e os afetos na escola**. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/antonio-gois/post/merli-e-os-afetos-na-escola.html>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação: ressonâncias no jornalismo**. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. Os chamados e as aventuras em nossos tempos. Ou das personagens que privilegiamos. In: III SIMPÓSIO LINGUAGEM E PRÁTICAS MIDIÁTICAS: MÍDIA 10 ANOS – CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES E MEDIAÇÕES, 2019, São Paulo. **E-book...** São Paulo: ECA/USP, 2019 [no prelo].

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

ORICCHIO, Luiz Zanin. 13 fev. 2018. **Capítulos de 'Merlí', da Netflix, mostram que disciplina nada tem de chata**. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,capitulos-de-merli-da-netflix-mostram-que-disciplina-nada-tem-de-chata,70002188359>>. Acesso em: 23 out. 2018.

RIBEIRO, Renato Janine. 09 mar. 2018. **Série Merlí, da Netflix, mostra como conectar ensino médio à vida do jovem**. Disponível em: <<http://porvir.org/serie-merli-da-netflix-mostra-como-conectar-ensino-medio-a-vida-do-jovem/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

TENETE, Luíza. 03 maio 2018. **Criador da série 'Merlí' critica pouco espaço da filosofia nas escolas: 'é ela que formaria cidadãos questionadores'**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/criador-da-serie-merli-critica-pouco-espaco-da-filosofia-nas-escolas-e-ela-que-formaria-cidadaos-questionadores.ghtml>>. Acesso em: 23 out. 2018.